

# BIOPOLÍTICAS

## N O S É C U L O X X I

Augusto Jobim do Amaral

Agemir Bavaresco

Evandro Pontel

Jair Tauchen

Isis Hochmann de Freitas

Eduardo Baldissera Salles

[Organizadores]



Editora Fundação Fênix

É com imensa alegria e satisfação que dispomos ao público interessado, em especial à comunidade acadêmica, este conjunto de magníficos trabalhos reunidos através da presente obra. Na forma que está consolidada, sua estruturação representa o produto final do esforço coletivo realizado em torno do “*Congresso Internacional Biopolíticas no Século XXI*”, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com o apoio do CDEA (UFRGS/PUCRS) – Centro de Estudos Europeus e Alemães, da Editora Fundação Fênix e da Editora Criação Humana, entre os dias 28, 29 e 30 de setembro de 2020.

Em meio a um mundo pandêmico, literalmente, reunimos nossa potência criativa para indagar nossa própria existência vital. Alçamos um convite profundamente correspondido pelos participantes para, através dos mais distintos vieses e contextos, meios e matizes, por em questão o crivo do qual emana nossa temática: a *vida*. A vida como sujeito/objeto sobre o qual e em torno da qual se age por meio de dispositivos de poder, por meio de ações crescentemente demarcadas por estratégias técnicas e políticas que a gerem e a administram.

Agradecemos, vez mais, a todos os envolvidos de qualquer maneira pela realização desta Obra e deixemos que o leitor desfrute de sua excelência.



## 26. Biopolíticas do corpo: a sexualidade como *dispositivo de poder, ethos e performance*

Biopolicies of the body: sexuality as *power dispositif, ethos* and *performance*



<https://doi.org/10.36592/9786587424606.489-500>

José Luís Ferraro<sup>1</sup>

### Resumo

O presente ensaio discute a sexualidade em tríplice perspectiva: como *dispositivo de poder*, a partir da obra de Michel Foucault; como *ethos*, considerando aportes da psicanálise freudiana e da noção foucaultiana de cuidado de si; e como *performance* em Gilles Deleuze e Félix Guattari. Ao colocar em evidência a problemática da biologização da vida, sugere uma *Pedagogia da Sexualidade* como paradigma biopolítico e investe sobre o governo dos corpos promovido pela Educação Sexual, cuja organização e conformação de sua própria tradição epistêmica e didático-metodológica, acaba por despotencializá-la – fazendo-a permanecer circunscrita às Ciências Biológicas – perpetuando uma tendência equivocada sobre certa dificuldade ou impossibilidade de sua abordagem de forma interdisciplinar na Educação Básica.

*Palavras-chave:* biopolítica; sexualidade; governamentalidade; educação.

### Abstract

This essay aim to discuss sexuality in three perspectives: as a *power dispositif*, based on the work of Michel Foucault; as *ethos*, considering contributions from Freudian Psychoanalysis and the Foucauldian notion of self-care; and as a *performance* in Gilles Deleuze and Félix Guattari. By highlighting the problem of the biologization of life, it suggests a *Pedagogy of Sexuality* as a biopolitical paradigm and invests in the government of bodies promoted by Sexual Education, whose organization and shaping of its own epistemic and didactic-methodological tradition ends up

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação. Professor dos Programas de Pós-Graduação em Educação e Educação em Ciências e Matemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: jose.luis@pucrs.br

depotentializing it – making it remain limited to Biological Sciences – perpetuating a mistaken tendency about a certain difficulty or impossibility of an interdisciplinary approach in Basic Education.

*Keywords:* biopolitics; sexuality; governmentality; education.

O presente trabalho propõe uma reflexão a partir do entrecruzamento da Filosofia, da Psicanálise e da Educação. Assim, embora constitua sua inserção mais marcadamente no interior daquilo que se convencionou denominar de *estudos foucaultianos*, acaba por tomar – ainda – como referência, as contribuições de outros autores cujo pensamento é de extrema relevância quando se deseja colocar em perspectiva o discurso da Educação Sexual que, por sua vez, abrange saberes relacionados tanto à sexualidade, quanto à Pedagogia.

Michel Foucault corrobora o debate que será apresentado nas linhas que seguem, inicialmente, a partir de quatro obras: *A arqueologia do saber* (2007a), *As palavras e as coisas* (1999a), *Segurança, território e população* (2008a) e *O nascimento da biopolítica* (2008b). A literatura foucaultiana citada contribui para a compreensão da emergência da Biologia e de um *discurso sobre a vida* a partir da História Natural – a Biologia como formação discursiva que se produz em torno do conceito de vida –, e como a partir dela a emergência da população permite o surgimento do *biopoder*. Isso implica em considerar a entrada do fator biológico no discurso e, portanto, nos domínios do poder. A partir disso, os seres vivos – agora – passam a estar unidos a partir de traços comuns que possibilitaram a emergência da espécie humana como categoria taxonômica e fizeram com que a mesma se tornasse alvo de procedimentos, mecanismos e técnicas de poder (FOUCAULT, 1999a; 2007a; 2008a; 2008b).

Assim, o *biopoder* passa ser a chave para o exercício biopolítico, com reflexos e possibilidades no interior da Educação. Logo, é importante destacar aquilo que está na etimologia da palavra (*ex + ducere*) – um governo de fora. Observam-se assim, os processos pedagógicos como relações de governo – de condução de condutas –, que se estabelece entre sujeitos. Portanto, falar sobre Educação é também falar de um governo do outro como exercício biopolítico. Considerando este argumento, poder-se-ia desenhar esta relação a partir do currículo,

compreendido como manual de governança coletiva, um dispositivo biopolítico (PEREIRA; FERRARO, 2011).

Ao evidenciarmos as relações pedagógicas como aquelas que também pertencem à esfera da *governamentalidade* – e, portanto, à da biopolítica –, deve-se fazer referência aos *dispositivos* utilizados para o governo do outro (FOUCAULT, 1996). Neste âmbito a linguagem, mais especificamente a pluralidade discursiva, pode materializar-se como operadora do *biopoder*. Partindo desta possibilidade, o *discurso sobre a sexualidade* se converteu em potente dispositivo de poder ao longo da história, inserindo – principalmente a partir do século XIX – indivíduos no interior de uma rede de subjetivação específica (FOUCAULT, 2007b; 2007c; 2007d).

No caso da Educação Sexual, considerando seu efeito sobre os corpos e comportamentos – e como efeito do *discurso sobre a sexualidade* –, a mesma se desenvolve associada a uma pedagogia associada aos discursos de controle populacional, de medicalização excessiva, até mesmo eugênico. A vida que a Educação Sexual tende a debruçar-se corresponde à vida biológica. O filósofo Giorgio Agamben percebe o desequilíbrio entre distintas esferas de vida existentes. Agamben faz ver o jogo de forças que permite que a vida biológica se sobreponha a outras vidas possíveis de natureza sócio-política, cultural ou afetiva, por exemplo. Assim, o discurso sobre a sexualidade empodera outro, o discurso biológico/médico, silenciando outras potências da vida, reduzindo-a ao biológico (AGAMBEN, 2020).

A discussão agambiana nos conduz à percepção sobre como as escolas vêm abordando a Educação Sexual com os estudantes, dessacralizando a vida. Isto implica em desumanizar o humano, torná-lo um conjunto de sistemas, reduzi-lo ao biológico: *vida nua*, diria o filósofo (AGAMBEN, 2002). As instituições escolares oferecem uma Educação Sexual centrada em conhecimentos anatômico-fisiológicos, na patologia e na contracepção. A partir disso o ser humano é transformado em um corpo (*körper*<sup>2</sup>) que pode disseminar doenças e, potencialmente, reproduzir-se.

---

<sup>2</sup> O termo *körper*, do alemão, foi utilizado por Martin Heidegger em seu Seminário de Zollikon para designar o corpo material, anatômico (HEIDEGGER, 2001).

Considerando a necessidade de uma abordagem outra, mais potente, em relação à Educação Sexual, o presente trabalho vem oferecer mais miradas sobre a sexualidade. A partir disso, propõe-se a discuti-la a partir de três perspectivas: como *dispositivo de poder*, *ethos* e *performance* com aportes da obra de Michel Foucault, Sigmund Freud, Gilles Deleuze e Félix Guattari.

A sexualidade como dispositivo de poder – mais especificamente, de poder-saber – em Foucault, trata de analisar como o sexo foi inserido em uma política geral de poder produzindo um saber; uma discursividade complexa que opera sob o nome de sexualidade que contribuiu para o estabelecimento de parâmetros de (a)normalidade que fixaram os limites entre o permitido e o proibido no interior dos costumes e dos mecanismos jurídico-legais, constituindo-se como *episteme* que passa a integrar a dimensão pedagógica (FOUCAULT, 2007b).

A partir de Freud e da Psicanálise, observa-se a sexualidade como uma soma de pulsões que não corresponde apenas ao genital, mas aos impulsos que medeiam nossa forma de ser-estar-relacionar-interpretar-agir no mundo. Nesse sentido, não se compreende a sexualidade como pulsão de autopreservação da espécie e, tampouco, como pulsão de vida. Ela é percebida como libido (FREUD, 1970-1977). A sexualidade em Freud corresponde aos investimentos libidinais que se expressam no modo como nos comportamos, nosso *ethos* em relação ao meio: a sexualidade ao mesmo tempo mediando e como expressão dessa relação.

E em Deleuze e Guattari, ressignificar a sexualidade como *performance* corresponde a pensar também os investimentos libidinais, mas aqueles relacionados ao campo social que se direcionam para os indivíduos; os modos como capitalizam as formas de ser em sua efemeridade contemporânea. Pensar os fluxos, o movimento, o devir dos corpos e dos comportamentos. A desconstrução monolítica das subjetividades, dos espaços por elas ocupado por meio da ação subjetiva como resposta que se produz na contingência, no acontecendo; pensar o acoplamento das máquinas e as linhas de fuga que permite compreender a sexualidade como performática e resultante de estímulos do meio (DELEUZE; GUATTARI, 2011).

Se o que está sendo proposto é a percepção em torno da sexualidade como *dispositivo de poder-saber*, *ethos* e *performance*, como estes elementos poderiam estar articulados para a produção de um rompimento paradigmático em termos

epistêmico-metodológicos em relação à atualidade da *Educação Sexual* como produto histórico de uma sociedade patriarcal, sexista e heteronormativa? Pensar sobre isto requer observar como podemos inserir os referidos autores ampliando as possibilidades para o tratamento desta temática no interior do campo educacional.

Sob as lentes de Foucault, sua principal contribuição está relacionada à percepção sobre a sexualidade como *dispositivo de poder-saber* a partir da emergência de um discurso que passou a regular a relação entre indivíduos e seus corpos. O discurso da sexualidade produziu identidades subjetivas com papéis específicos, que passaram a ser incluídas no interior de um jogo de poder onde se evidencia a permissão/proibição de condutas em diferentes momentos históricos. Instaura-se um mecanismo de produção de verdades que, ao investir em sua própria manutenção, produz *regimes de veredicação* que o empoderam cada vez mais, tornando possível identidades como a do marido, da esposa, da virgem, do promíscuo, do homossexual, do pederasta, do pedófilo, do doente, etc (FOUCAULT, 2007b, 2007c; 2007d).

Em paralelo a isso, outros discursos passam a desenvolver mecanismos para regular tais identidades. O discurso jurídico-legal, por exemplo, que vai desenvolver mecanismos para regular a relação entre homem e mulher, tornando-os marido e esposa ao instituir o casamento; decidirá sobre a pena que irá recair sobre o pedófilo como criminoso; o discurso religioso e sua moral sobre a manutenção – em muitos casos, como imposição – da virgindade pela mulher; ou, ainda, o discurso médico que vai reprimir a promiscuidade, transformando indivíduos em potenciais disseminadores de doenças sexualmente transmissíveis, além de regular a natalidade pelo estímulo à utilização de métodos contraceptivos.

É disso que se trata a utilização de Foucault para se olhar para a sexualidade. Observá-la em sua discursividade, como campo de práticas discursivas no interior do qual se produziu uma série de verdades sobre a relação indivíduo/corpo e sobre as práticas sexuais. Logo, Foucault nos habilita a percepção da sexualidade como uma *episteme* não isolada, mas atravessada por outras.

A partir de Freud, somos impelidos a observar a sexualidade presente no cotidiano, dissociada da relação sexual, mas como produto da libido que se produz no limite entre o corporal e o psíquico; ao mesmo tempo que a mesma também se

manifesta como efeito da expressão de um *ethos* relacionado às leis ou aos tabus na esfera social. Em sentido último, trata-se do comportamento em relação a como procedemos enquanto sujeitos de desejo orientados pelo (in)consciente na busca por gratificação e prazer (FREUD, 1970-1977). Compreender a sexualidade como libido implica em perceber em diferentes subjetividades, seus distintos *ethos* como potencial produtivo na busca incessante pelo prazer – o que também ocorre a partir das múltiplas experiências decorrentes das relações sociais as quais o sujeito estabelece.

Foucault compreende o discurso psicanalítico como aquilo que evidenciou o sexo como produto do dispositivo da sexualidade. A partir disso, percebe a Psicanálise como análise do anormal, do patológico – uma espécie de *psicologia do normal* –, que visa a adaptação, a dominação de conflitos e contradições humanas ao ordenar o desejo sob os imperativos morais da lei que passam a justificar um discurso médico (FOUCAULT, 1999b; BIRMAN, 2000). No caso deste trabalho, o intuito não é o de produzir qualquer tipo de crítica à Psicanálise a partir da leitura foucaultiana, mas evidenciar como Freud percebeu sua expressão a partir das pulsões, da libido – leitura totalmente ausente quando se trata de analisar como a Pedagogia tem concebido a Educação Sexual. Compreender a sexualidade como *ethos* no interior da Psicanálise é o que interessa para que se possa denunciar a falta de potência do debate em torno do tema na Educação Básica.

Em Deleuze e Guattari, elementos como a multiplicidade dos agenciamentos maquínicos – nos quais os indivíduos estão imbricados –, a postura nômade e as *n* possibilidades encontradas no rizoma e de projeção de linhas de fuga nos permite compreender a sexualidade como performance (DELEUZE; GUATTARI, 2011). A contemporaneidade e o seu abandonar do fixismo identitário produz e exige das subjetividades o constante movimento, o devir. Nesse sentido, o campo social é que projeta sobre os indivíduos a sua libido, exigindo destes respostas que se produzem como ações instantâneas e que marcam a subjetividade em um instante específico.

Assim, performamos de maneiras distintas em diferentes espaços-tempo; nos (re)produzimos e nos (re)constituímos como sujeitos de desejo – de um desejo não como falta, mas como vontade de potência – frente às constantes mudanças/exigências do *socius*. Agimos de forma distinta seja quando aceitamos a

imposição daquilo que vem de fora e recai sobre nós, seja quando tentamos interditar tais forças como pressões externas, quando nos tornamos máquinas de guerra e decidimos investir em posturas de resistência e seus necessários processos de singularização (DELEUZE; GUATTARI, 2011; GUATTARI; ROLNIK, 2013).

Assim, compreender a sexualidade como *performance*, implica em um distanciar-se de posições subjetivo-identitárias imutáveis, fruto de sua biologização/medicalização. Logo, compreender múltiplas formas de percepção de nossa relação com a sexualidade implica em dar vazão ao inconsciente maquínico como elemento de produção – e do próprio desejo como produto da usina do inconsciente (DELEUZE; GUATTARI, 2011; GUATTARI, 1988). Isso significa, em certo grau, libertar-se da repressão em relação ao sexo e à sexualidade, evidenciada no interior daquilo que foi denominado por Foucault de *scientia sexualis* (FOUCAULT, 2007b).

A perspectiva proposta neste ensaio sobre a sexualidade nos termos do *poder-saber*, do *ethos* e da *performance*, ainda, coincide com o que foi proposto por Morey (1991) como ontologia da obra de Foucault, destacando três fases: arqueológica, genealógica e ética. A constituição de um discurso a partir do qual se torna possível enunciar verdades à sexualidade, produz-se como um espaço de saber sobre o tema. Surge a possibilidade da produção de uma *arqueologia da sexualidade* a partir de regimes de verdade que orientaram as práticas sexuais em diferentes espaços-tempo.

Com relação à genealogia, observam-se – neste campo emergente – diferentes discursos sobre a sexualidade sendo colocados em perspectiva; uns em relação aos outros. Isso significa evidenciar quais se tornam mais empoderados que outros, percebendo quais os atravessamentos e as condicionantes de tal empoderamento que permitem suas atuações sobre nossa constituição política como *sujeitos do desejo*, a partir da *relação de si* e da *relação com o outro*.

A questão ética permanece vinculada ao *ethos* e à *performance*. O *ethos* como efeito da relação com o inconsciente, corpo/psiquismo, expressa pela sexualidade como elemento pulsional que interfere sobre os modos como os indivíduos interagem com o mundo, experienciando-o. A resposta do indivíduo à sua experiência do real, é efeito da sexualidade. A regulação da homeostase, a

afetividade, as relações sociais, o erotismo – como mecanismo de prazer, desprazer e angústia –, a genitalidade, as relações sexuais e a própria sublimação estão relacionadas à sexualidade como busca pelo prazer (FREUD, 1970-1977; ZIMERMAN, 1999).

A *performance* também se apresenta como questão inerente à ética. A multiplicidade de respostas às contingências do real demandam uma série de ações distintas. O constante investimento do campo social sobre os indivíduos requer diferentes agenciamentos maquínicos. O acoplamento destas máquinas produzindo cortes e fluxos, tal qual apontam Deleuze e Guattari (2011), incidem sobre diferentes e necessárias reconstituições do sujeito como formas de produção subjetiva que se produzem no acontecendo. É nessa perspectiva que abdica-se de um sujeito monolítico, o que faz da *performance* uma linha de fuga, uma espécie de *ethos-devir* comprometido com a velocidade e com o ímpeto da contemporaneidade.

Destarte, a sexualidade como *dispositivo de poder-saber*, *ethos* e *performance* é capaz de produzir – no entrecruzamento destas três percepções – uma *biopolítica dos corpos* cujos reflexos se projetam sobre a necessária emergência de uma *Pedagogia da Sexualidade*. Como premissa desta *Pedagogia*, estabelecem percepções em níveis individuais e transindividuais: *eu e meu corpo*, *meu corpo* e *o corpo do outro*. Isso implicaria em colocar em evidência a diferença no interior da discussão sobre a sexualidade a partir de uma rede de subjetivação que passa a ser estabelecida, também, no campo da alteridade. Ante a isso, percebe-se que a escola será o lugar propício para consolidar tal *Pedagogia da Sexualidade*: uma sexualidade convertida em conhecimento pedagógico com efeitos sobre o próprio currículo como dispositivo biopolítico.

Para que se possa empreender uma discussão curricular, recaímos sobre os documentos oficiais relacionados à orientação da educação no Brasil em diferentes momentos. Tratam-se dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 1997; 2016). No entanto, em um hiato de aproximadamente duas décadas entre ambos, é possível perceber o quanto involuímos neste aspecto da educação sexual o que nos afasta deste ideal de uma *Pedagogia da Sexualidade* e que, ao mesmo tempo, justifica a problematização apresentada neste trabalho.

Na segunda metade da década de 1990, os PCN's anunciavam a ideia de uma *estética da sensibilidade* que reconhecia a diversidade, entendendo a importância dos conteúdos, mas ressaltando ainda mais o peso da importância de uma autonomia referente à tomada de decisões pelos estudantes. Não bastava apenas conhecer – leia-se instruir-se –, era preciso saber – aplicar o conhecimento –, antever, refletir, ser crítico e ponderar; de certa forma, ser vigilante em relação a si e ao outro (BRASIL, 1997).

A *estética da sensibilidade* rompia um modelo industrial taylorista de educação, para tornar a escola o lugar da criatividade (BRASIL, 1997). Nesse sentido, seria como se estimulássemos a produção daquilo que Deleuze e Guattari (2011) chamaram de *corpo sem órgãos* onde a produção é colocada a serviço da improdução. Ou ainda, em nova referência à Psicanálise, uma espécie de sublimação que canalizaria a pulsão sexual em potencial criativo (ZIMERMAN, 1999).

Praticamente vinte anos depois, a BNCC – documento que veio a substituir os PCN's – reduziu a temática da sexualidade na Educação Básica a cinco habilidades a serem trabalhadas no oitavo ano do Ensino Fundamental: quatro destas dizem respeito ao fator biológico – tal qual abordado nas aulas de Ciências da Natureza –, sendo que apenas uma trata de dimensões culturais, éticas e afetivas. No entanto, esta permanece bastante aberta, não tendo sua redação tão específica como a das outras definidas a partir de um discurso biológico/médico (BRASIL, 2016). Aqui se confirma a percepção de Agamben sobre o fato do ser humano abdicar de todas as outras formas de vida (sociopolítica, cultural, afetiva, religiosa, etc.) menos da biológica; o que vem a ser reforçado por meio da Educação como *dispositivo* e seus jogos de poder – em clara aliança com a ciência – que dá voz a um discurso que dessacraliza a condição humana tornando-a *vida nua* (AGAMBEN, 2002).

A partir dessa reflexão – sobre a despotencialização da sexualidade na escola –, enseja-se como possibilidade de análise, a questão da sexualidade no ambiente escolar a partir do descentramento apresentado por Foucault em a *Hermenêutica do sujeito* (2006), quando busca elucidar a relação entre a subjetividade e a verdade: do imperativo *conhece-te a ti mesmo* ao do *cuidado de si*. Enquanto o primeiro coloca o *sujeito da verdade* como objeto de uma analítica científica e orienta o pensamento da ciência moderna, o segundo faz emergir o *sujeito de verdade*, que é tomado não

como objeto de análise, mas como foco de vigilância de si para si. A vigilância refere-se a um pensar-se a si que coloca o sujeito como centro de sua própria ponderação, tal qual o desejo da *estética da sensibilidade*, referência dos PCNs (FOUCAULT, 2006; BRASIL, 1997).

Enquanto o *sujeito de verdade* do *conhece-te a ti mesmo* é completado pela verdade, o sujeito do *cuidado de si* é transformado pela verdade, passando por uma ativação ética, que implica na atenção aos discursos verdadeiros e suas práticas de veredicação para bem agir. É nesse sentido que a dimensão do *cuidado de si* depende da *estética da existência*, pois nesse movimento o sujeito ao mudar sua relação consigo pode mudar também com os outros, com o mundo; ação que passa pela sexualidade compreendida como mediação pulsional da relação sujeito/*socius* (FOUCAULT, 2006; FREUD, 1970-1977).

Assim, percebem-se dois *paradigmas biopolíticos* em relação à sexualidade e à educação. O primeiro deles é o que chamamos de *tradicional* e corresponde ao paradigma da Educação Sexual, ao abordar a sexualidade de maneira objetiva de acordo com o discurso biológico, médico, patológico, eugênico e puramente científico. Trata-se da Educação Sexual dos manuais escolares, cuja epistemologia e metodologia são recorrentes e atuais; não atualizadas, mas sim, defasadas em termos de abordagem.

O outro paradigma, talvez, pudéssemos chamá-lo de *Pedagogia da Sexualidade* – como já nos referimos anteriormente –, porque enfoca a sexualidade como meio para processos de individuação e subjetivação; considera todas e quaisquer ético-estéticas da existência possíveis, sem desconsiderar o fator biológico como elemento científico. Trata-se de potencializar a compreensão em torno descentramento do discurso – afinal, o biológico não mais ocupa a centralidade da discussão, mas desloca-se – para evidenciar em seu interior a produção do sujeito do *cuidado de si*, o *sujeito de verdade*.

No entanto, para além de uma definição, é preciso saber como as escolas devem proceder no sentido de assumir o paradigma biopolítico de uma *Pedagogia da Sexualidade*. Deve-se, em primeiro lugar, ampliar a compreensão em torno da temática junto à comunidade escolar como um todo. Ainda, é necessário empoderar outras disciplinas – e não só Ciências da Natureza ou Biologia – a discutirem o

assunto com os estudantes, a partir da definição da sexualidade como tema transversal no currículo, fomentando a interdisciplinaridade e o pensamento complexo em relação ao tema. O reconhecimento deste paradigma implica na retomada da *estética da sensibilidade* como *ético-estética da alteridade*, essencial à sua materialização e manutenção na Educação Básica.

A partir da adoção da *Pedagogia da Sexualidade*, acredita-se na possibilidade de desconstrução de modelos patriarcais, heteronormativos, machistas e misóginos, perpetuados por uma Educação Sexual tradicional que faz da escola espaço de reprodução – e não de transformação – social. Trata-se de um investimento sobre a diferença a partir de novas experiências em relação à sexualidade que passam a ser oferecidas às subjetividades escolares. Dá-se vazão a distintas formas de condução dos processos de subjetivação a partir de outros regimes de verdade. Reinventam-se, assim, formas de governo possíveis capazes de ressignificar a *experiência de si* e do *outro*, bem como semióticas, territórios e estruturas do campo social, produzindo assimetrias outras; essenciais a uma potente biopolítica dos corpos que toma forma e nos faz ponderar sobre nossa incessante (re)constituição, nosso *devir-sujeitos de verdade*.

## Referências

AGAMBEN, G. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

\_\_\_\_\_. *Reflexões sobre a peste: ensaios em tempos de pandemia*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

BIRMAN, J. *Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base nacional comum curricular*. Brasília, DF, 2016.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2011.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

\_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

\_\_\_\_\_. A psicologia de 1850 a 1950. In: FOUCAULT, M. *Ditos e escritos*. v. I. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1999b.

\_\_\_\_\_. *A hermenêutica do sujeito*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007a.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007b.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007c.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade: o cuidado de si*. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007d.

\_\_\_\_\_. *Segurança, território e população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FREUD, S. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1970-1977.

GUATTARI, F. *O inconsciente maquínico: ensaios de esquizoanálise*. Campinas: Papirus Editora, 1988.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 12. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

HEIDEGGER, M. *Seminário de Zollikon*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOREY, M. La cuestión del método. In: FOUCAULT, Michel. *Tecnologías del yo y otros textos afines*. Barcelona: Paidós Ibérica, 1991.

PEREIRA, M. V.; FERRARO, J. L. Currículo e práticas de controle: o caso da gripe H1N1. *Currículo sem fronteiras*, 2011.

ZIMERMAN, D. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática*. Porto Alegre. Artmed, 1999.